

4-5-47

# A evolução sindical

A filosofia naturalista mancomunada com o liberalismo económico não só arranjaram teorias bastantes para acorrentar o operário a permanente miséria, como ainda impediram a intervenção do Estado na defesa dos trabalhadores, como sendo prejudicial àqueles mesmos a quem se quereria socorrer.

Contra semelhante «lei de bronze» nasceram as primeiras organizações operárias, que, infelizmente, não foram compreendidas por quem deveria, de princípio, orientá-las. A política não acompanhou nem compreendeu o social. Forçados se viram por isso os sindicatos não só a fazer das suas organizações armas de combate, como a transformá-las em organizações políticas para a conquista do poder. O social teve de fazer política, já que a política desprezara o social.

Os sindicatos evoluíram assim, por toda a parte, no rumo político, ora apoiando partidos que prometiam reforma do Estado num sentido económico-social, ora constituindo-se eles mesmos em organização partidária com uma filosofia política adaptada aos fins sociais em vista.

Não vem para aqui lastimar os erros cometidos pelas classes dirigentes do século passado e a incompreensão das forças morais perante a nova força que se levantara no horizonte social. São erros que se pagaram e ainda se hão-de pagar muito caro, mas que já não têm remédio. O que importa é não os repetir para que se não agrave ainda mais o mal.

Lançados na política, os sindicatos causaram por toda a parte, enormes perturbações não só pela sua impreparação para a direcção dos problemas nacionais, como também pelo seu espírito inovador e revolucionário pouco conforme com as condições económicas da vida dos povos. Ao mesmo tempo, a tentação da política forçou-os a um programa de vida e a aceitação de princípios que não correspondiam ao sentimento geral do povo. Houve, por isso, necessidade de organizar sindicatos que salvaguardassem, na conquista das regalias do trabalho, aqueles princípios eternos por que a humanidade se deve dirigir, se não quiser perecer. A força sindical dividiu-se, por isso, política e religiosamente em duas forças ao mesmo tempo diferentes e convergentes.

O perigo deste estado de coisas não escapou a ninguém. E surgiram então diversas tentativas, em países diferentes, para dirigir no sentido nacional a grande corrente sindical, instituindo-se os sindicatos únicos. Estes, porém, porque eram dirigidos por uma força política, submeteram o social ao político. Mas como o prestígio político implicava o triunfo económico, foi ao económico que o social acabou por ser nervosamente submetido.

Naqueles países em que permaneceu a pluralidade sindical, aconteceu coisa semelhante. Logo que a força política dos sindicatos conseguiu conquistar os comandos do poder, os dirigentes sentem o peso das responsabilidades nacionais e começam a seguir uma orientação muitas vezes oposta àquela que antes preconizavam. Não assistimos nós a este fenómeno curioso de vermos os governantes comunistas imporem uma disciplina de ferro aos sindicatos e aos operários, contra os próprios interesses sindicais e sociais, escravizan-

Não vemos governos socialistas, como na França e na Inglaterra imporem-se contra qualquer aumento de salários e contra qualquer greve, eles que antes reclamavam constantemente esses mesmos aumentos que arrancavam muita vez à força de greves?

Os partidos operários — socialistas ou comunistas — uma vez atingido o poder, para manter o prestígio, têm de governar a Nação não segundo as suas teorias, mas segundo as exigências da economia nacional. E para não falharem perante a Nação, dizem aos operários que metam uma surdina nas suas reclamações, adiando-as para quando o partido tenha feito a conquista do necessário prestígio governamental. E os operários lá vão esperando pacientemente, e lá se vão «sacrificando» pelo partido. O social passa a segunda plana em benefício do económico e do político.

Quando a massa operária se der conta disto, abandonará definitivamente a política e cantonar-se-á em organizações sindicais com fim exclusivamente social. Nesta altura, a sua força ver-se-á então unificada, deixará de haver luta entre operários dum partido ou doutro partido, dum facção ou doutra facção, para não haver senão uma única organização, uma única força operária. Só então o operariado terá atingido a sua maior idade e conquistado plena independência de acção.

Mas então quem dominará essa imensa força nacional e internacional? E' que, sem procurar nem assumir o poder, o operariado poderá exercer uma completa ditadura económica, orientando ele mesmo toda a vida nacional.

Fá-lo-á no interesse comum? Não nos parece que o faça, enquanto tiver a impressão de que está sendo explorado pelo patrão e tratado como máquina. Enquanto assim fór, orientará toda a sua actividade no sentido da luta de classes e, portanto, das reivindicações, sem se preocupar com as consequências económicas ou nacionais das suas exigências.

O futuro não é portanto de molde a trazer-nos uma esperança de paz. Nem a força, nem a política, nem a habilidade impedirão a evolução sindical mais ou menos lenta no sentido da ditadura proletária, mesmo que o comunismo venha a ser definitivamente vencido.

Só haverá um caminho de salvação. Mas esse quererão tomá-lo as outras classes?

Se procurássemos elevar o nível cultural dos operários; se lhes déssemos uma preparação adequada sob o ponto de vista técnico e económico; se lhes preparássemos um lar dignificador de forma a criar nelles o brio da sua dignidade social, pessoal e familiar; se os tornássemos aptos a assumir com utilidade e competência a sua quota-parte na direcção das empresas e nos resultados delas; se lhes déssemos, pro-

gressivamente, responsabilidades proveito pessoal nos resultados do seu trabalho, isto é, se os fôssemos preparando para assumir com utilidade o seu lugar de co-gerente e co-proprietários das empresas, a luta de classes desaparecerá, automaticamente, perderiam eles a mentalidade de explorados pelo capitalista, sentir-se-iam interessados no bom andamento dos negócios, e, como consequência, os próprios sindicatos perderiam a sua razão de existir.

A luta de classes, ao contrário do que afirma Marx, não é uma constante história. Pode desaparecer no dia em que as classes se derem lealmente as mãos.

Se, porém, a classe mais poderosa não der o passo decisivo, com o comunismo ou sem ele, o operariado marchará lenta, mas seguramente para o aniquilamento do patronato.

A condição proletária é anti-natural e anti-cristã. Os operários cristãos sabem que o seu dever é libertar dela os trabalhadores. Não se recusarão, portanto, ao cumprimento do seu dever, embora se recusem a colaborar com doutrinas e métodos de acção que fazem do operário um joguete político nas mãos de um partido que, por mais operário e anti-patronal que se diga, apenas conseguirá escravizar ainda mais o operário à tirania do patrão: o patrão-Estado, mais forte e mais severo do que todos os patrões juntos.

Porque assim pensamos, é que pedimos aos patrões que revejam a sua atitude, arejam a sua mentalidade e compreendam de vez que a co-gerência e co-propriedade será a única maneira de se atingir a paz social.

Mas, para tanto, é preciso preparar os operários a assumir as suas responsabilidades. Recusar-lhes os meios para isso é liquidar-se a si mesmo, a fogo lento.

ABEL VARZIM.